

AS MARGENS DA ALEGRIA

O desleixo de minha filha permitiu-me deparar com a obra encantada de Guimarães Rosa, "*Primeiras Estórias*". Compulsei aleatoriamente as páginas desta edição, que tem uma capa mais "limpa" sem os símbolos mágicos da primeira edição que li, até que topei com o primeiro conto "*As margens da alegria*"... As margens da alegria... Só isso já é poesia demais.

Como a Memória não conseguiu trazer de volta como eram essas "*Margens da alegria*", a Imaginação começou a trabalhar recriando essas margens, visualizando a Alegria como um rio, tema tão presente na obra de Guimarães Rosa, inclusive nessas "*Primeiras Estórias*". O rio Alegria devia de ser límpido e sereno, mas com pequenas ondulações que rebrilhavam em faíscas molhadas de prata e diamante. Imaginei como podia alguém imaginar um título tão lindo. A Imaginação mostrou-me um menino remando no meio desse rio seguindo contente a corrente e os peixes contentes. A Memória permanecia calada.

Decidi ler o conto já lido outrora. Então, relido agora, mas como se fosse a primeira leitura. Confesso: não recordava nada dessa estória. Eu, o fã incondicional de Guimarães Rosa, que já lera "*Grande Sertão*" algumas vezes e que lembrava bem dessas *Primeiras estórias*, da sensação de mistério e êxtase que formava a aura desse livro e que recordava tantos outros contos, o do *Sorôco*, o *Famigerado*, a *Terceira Margem* etc., nada me acudia dessa primeira estória.

Então, reli-o como quem se encontra pela primeira vez com o que já fora encontrado, como a alma reencarnada que, voltando ao mundo criança, descobre tudo que já conhecia esquecidamente.

Não é um conto. É um poema.

A estória, agora desesquecida, é a do menino nos píncaros da felicidade com a primeira viagem de avião pra conhecer a grande cidade que ainda estava sendo construída, o desdobrar das alegrias sem limite e o encantamento da primeira vez que vê um peru "imperial" (adjetiva o autor) com as penas da cauda exibindo sua pompa. O Menino maravilhado! No dia seguinte, ao procurar pela ave, sabe que foi morta para o aniversário do Tio. E, do meio do rio da alegria, o Menino viu as margens da tristeza. Mas, no meio da noite, vê vindo da mata um vagalume. "Era, outra vez em quando, a Alegria." Essa a estória.

Mas, para senti-la em seu lirismo e em sua melancolia singela, é preciso ler o poema-conto diretamente, com o vocabulário, as construções gramaticais e sintáticas, os neologismos e as súbitas descobertas metafísicas de Guimarães Rosa. Pérolas como:

“A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária”.

“Só no grão nulo de um minuto, o Menino recebia em si um miligrama de morte”.

“... alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe a alma”.

E eu, que não sou dessas coisas, quase chorei de tanta tristeza poética.